

# A IRMANDADE DA COBRA QUE FUMA

## DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Obra literária completa • Projeto de adaptação editorial e audiovisual

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais



# **1. Ficha da obra**

Título: A IRMANDADE DA COBRA QUE FUMA

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Romance histórico de guerra / aventura dramática / ficção histórica com humor e mistério.

Extensão: 198 páginas na edição disponibilizada.

Estágio de desenvolvimento: Obra literária completa.

Ambientação: Salvador, Bahia, em 2003; Monte Castelo e outros cenários da campanha da Força Expedicionária Brasileira na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

Público-alvo: Leitores adultos e jovens adultos de ficção histórica, aventuras militares e dramas humanos.

Formato de exploração: Edição literária e potencial adaptação audiovisual.

## **2. Pitch**

Dezembro de 1944. Isolados numa trincheira gelada diante de Monte Castelo, soldados brasileiros enfrentam o inimigo, a fome, a falta de remédios e um equipamento de comunicação inutilizado. Com o tenente Olivares gravemente ferido, Juvenal, Pestana e seus companheiros precisam resistir a uma guerra que nunca sentiram como sua — sem perder a coragem, o humor ou a humanidade.

Décadas depois, em Salvador, o veterano Juvenal retorna à sede de uma irmandade nascida naquela trincheira. O reencontro com a memória da FEB ganha novos contornos diante de acontecimentos inquietantes envolvendo antigos companheiros. Uma história de guerra, sobrevivência, amizade e dos vínculos que resistem ao tempo.

### **3. Sinopse**

Dentro de uma desolada trincheira, em Monte Castelo, estando mortalmente ferido o oficial comandante daquela tropa, o soldado Juvenal é despertado pelo som dos tiros e das explosões dos morteiros, e pela voz inquietante do seu companheiro Pestana, responsável pelas comunicações com a Força Expedicionária Brasileira – FEB, em Nápoles, na Itália.

Numa aventura épica, e também humorada, entre sangue, frio, balas, lobos e bombas, a falta de provisões, de medicamentos e de comunicação conduz os soldados brasileiros do desespero à esperança, onde os homens mostram suas virtudes, seus medos, defeitos e seus sonhos, revelando os motivos pelos quais foram parar na longínqua e gelada terra italiana às margens da até então inexpugnável Monte Castelo.

Os Pracinhas da FEB, dentro daquela trincheira, sob balas e cheiro da Morte, lembraram como foram parar numa guerra que nunca foi deles.

## **4. Diferenciais e posicionamento**

Dois tempos narrativos. O prólogo situado em Salvador, em 2003, apresenta Juvenal idoso e a sociedade dos ex-combatentes; a ação retorna à Itália em 1944, ampliando a dimensão da memória e do legado.

Personagens marcantes. Juvenal, soldado negro e nordestino, enfrenta preconceitos e demonstra liderança; Pestana contrapõe o perigo com irreverência; o sargento Argeu e o tenente Olivares personificam conflitos de comando e resistência.

Guerra vista de dentro da trincheira. O frio, a neve, o isolamento, as botas inadequadas, os suprimentos escassos e as comunicações interrompidas tornam a experiência concreta e humana.

Humor em circunstâncias extremas. Diálogos entre os pracinhas oferecem ironia, camaradagem e contrapontos à tensão do combate.

A irmandade como eixo dramático. A associação criada em dezembro de 1944 e mantida pelos sobreviventes dá unidade ao passado de guerra e à vida posterior dos personagens.

Identidade brasileira. A participação da FEB, a diversidade regional dos soldados e os questionamentos sobre o significado da guerra distinguem a narrativa.

## **5. Potencial editorial e comercial**

A IRMANDADE DA COBRA QUE FUMA combina o reconhecimento histórico da Força Expedicionária Brasileira com uma narrativa de personagens, suspense, aventura e humor. A campanha de Monte Castelo oferece um cenário identificável para leitores interessados na Segunda Guerra Mundial, enquanto o foco na amizade, no preconceito, no medo e na memória amplia o alcance além do público de história militar.

A capa cinematográfica, o emblema da cobra que fuma, a iconografia da FEB e os mapas presentes na obra permitem uma identidade gráfica consistente para edição, divulgação e apresentação comercial.

## **6. Potencial de adaptação audiovisual**

Estrutura dramática: o prólogo em Salvador pode funcionar como moldura contemporânea para os acontecimentos de 1944 e para o mistério em torno dos integrantes da irmandade.

Sequências visuais: nevasca, trincheiras, avanço sobre Monte Castelo, bombardeios, patrulhas, comunicação precária e a fortaleza ocupada criam situações de tensão cinematográfica.

Núcleo de elenco: Juvenal, Pestana, Argeu, Olivares e os demais pracinhas permitem construir uma narrativa coral, alternando conflitos individuais e ação coletiva.

Contrastes de tom: ação militar, humor dos diálogos, drama dos feridos e memória dos veteranos oferecem variação de ritmo e densidade emocional.

Formatos possíveis: longa-metragem histórico ou série dramática de época, com possibilidade de explorar os dois períodos da narrativa.

## **7. Público-alvo**

Leitores e espectadores jovens adultos e adultos interessados em ficção histórica, Segunda Guerra Mundial, participação brasileira na campanha da Itália, aventuras de sobrevivência, dramas de amizade e histórias que articulam ação, humor e memória.

## **8. Sobre o autor**

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentres Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

## 9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

## **10. Informações e contatos do autor**

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: [maisde3neuronios@protonmail.com](mailto:maisde3neuronios@protonmail.com)

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: [www.maisde3neuronios.com](http://www.maisde3neuronios.com)

## AMOSTRA DA OBRA

Capa, elementos iniciais, mapas, prólogo e capítulos 1 a 9



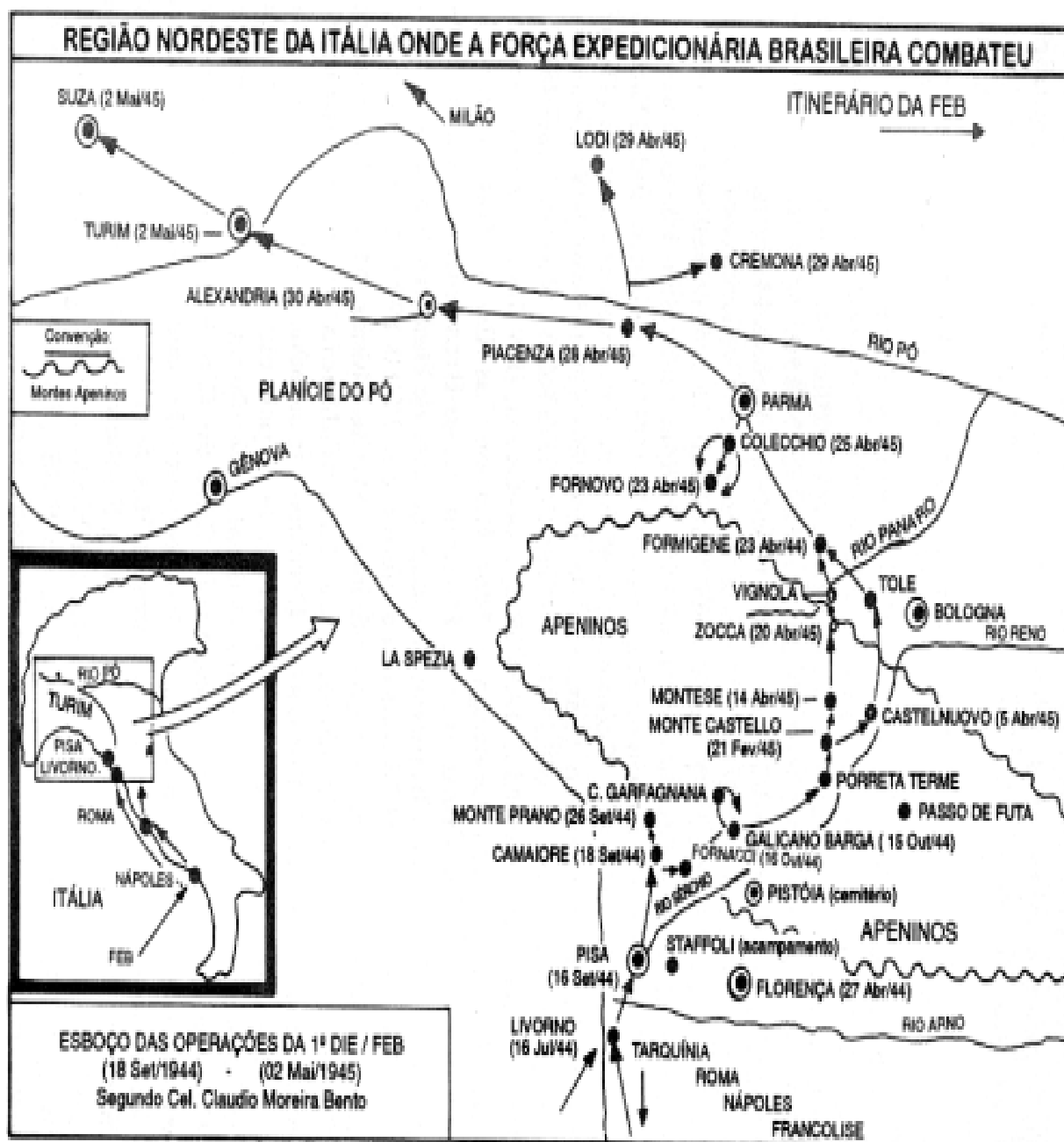
Oração padrão dos soldados brasileiros:

“Leva-nos, Senhor, à cidade, e nos traz de volta para casa tranquilos,  
sãos, salvos e seguros”

Trecho de lápide dos soldados brasileiros mortos em combate:

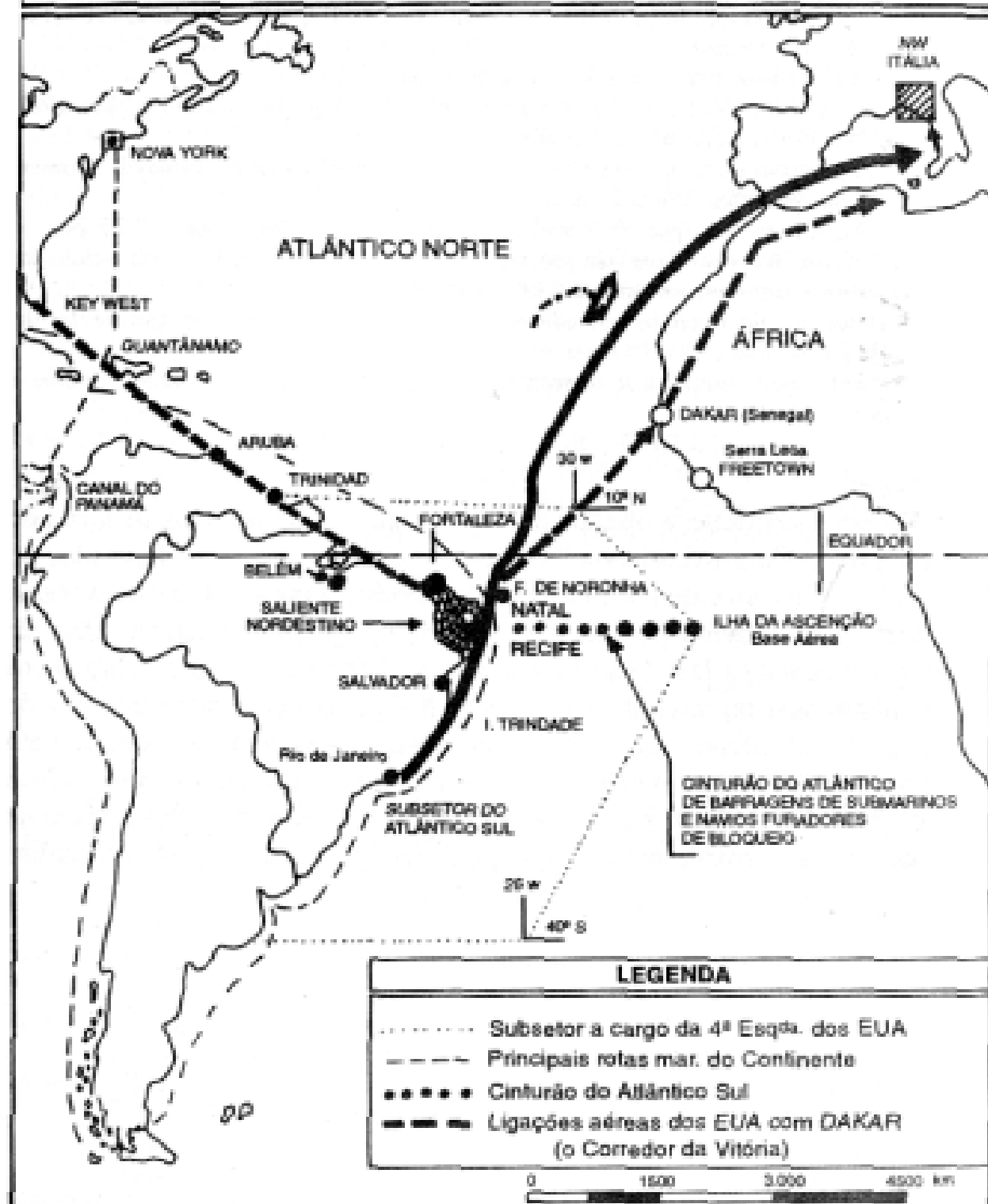
“Ainda que um amigo sucumba, esteja ele como estiver jamais deverá ser abandonado, porque o que os une é mais do que a amizade, mais do que os bons momentos, mais do que o riso ou o choro. É a lembrança sincera e grata para toda a vida”

E tudo teve início.



## PARTICIPAÇÃO MILITAR DO BRASIL NA 2ª GM NOS TO DO ATLÂNTICO E MEDITERRÂNEO

**SEGUNDO: CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO**



## Prólogo

Salvador, Bahia, julho de 2003

Eram quatro horas da tarde de um dia com poucas nuvens e muito vento leste soprando sobre as casas de uma rua enladeirada do centro da cidade. Entre todos os imóveis, o casarão se destacava no alto da ladeira e parecia não se importar com os ventos. Suas tábuas e tijolos descascados pela idade chiavam como um coro de saltimbancos. Algumas telhas ameaçavam desabar ou mesmo soltar-se e acompanhar, feito pássaros, a trilha dos ventos. Suas portas, com entalhes trabalhados na madeira da melhor cepa, resistiam ao sabor das agruras da natureza, emprestando ao casarão um aspecto aristocrático.

O táxi trôpego estacionou ao lado da calçada moldurada por um gramado bem cortado, e dele desceu um homem negro, de avançada idade. Tinha traços finos e um cabelo bem cortado. Seu cabelo ainda tinha mechas escuras e chamativas, seu nariz era praticamente romano, seus lábios enrugados como os de uma estátua clássica, seu queixo dividido e seus olhos pretos e experientes. Catou as notas que trazia no bolso com o mesmo cuidado que um contabilista público dedica ao perquirir o balanço anual de uma firma inadimplente com o Fisco. Paga a corrida, abriu o portão e caminhou devagar pelo recém varrido passeio de pedras portuguesas importadas no tempo do Império.

Notou mudanças no corte do jardim que circundava o muro e se estendia pela lateral esquerda do imóvel. Algumas das plantas tinham sido retiradas. Desviou o olhar para o canto onde o muro fazia o entorno e viu que o chafariz, cuja forma lembrava uma cobra naja, estava desligado. Contraiu a face, fazendo uma expressão de evidente desaprovação. Aquele jardim, bem como toda a decoração do casarão, foi por ele elaborado. Sabia exatamente o dia, mês e o ano em que cada um daqueles vegetais tinha sido plantado. Era capaz de falar horas seguidas sobre o tipo de adubo utilizado, sobre qual erva daninha foi retirada ou mesmo a respeito da origem e do preço de cada uma das mudas.

Do chafariz, então, poderia discorrer por semanas. Foi sua a idéia de encomendar um que fosse similar ao emblema do grupo a que pertencia. Quem quer que tenha mexido no jardim, retirando parte das suas plantas ou desligado a água do chafariz, fosse quem fosse, teria problemas a resolver e explicações a dar.

- Bom dia, seu Juvenal, quanto tempo, hein? – disse o servente ao vê-lo, com o cabo da vassoura na mão.

- Hoje não está um bom dia para trabalhar, Jonas. – retrucou o ancião, com o dedo apontado para o alto. – Você varre e o vento devolve a sujeira. Veja como há folhas para catar.

Jonas sorriu brejeiro, escondendo o que pensava: *“O velho Juvenal veio para a reunião da irmandade da cobra que fuma. Acho que não soube o que aconteceu com os seus colegas”*. No decorrer da semana anterior, alguns membros da sociedade desapareceram inesperadamente. Dois deles, Hélió e Sávio, morreram vítimas de um acidente automobilístico, enquanto Manfred, conhecido por *“alemão”*, foi encontrado morto, dentro de casa, com os olhos esbugalhados, com um bilhete entre os dedos, onde se lia uma nefasta frase: *“papai, mamãe fugiu com Arnóbio”*.

- Estive afastado por conta de assuntos familiares – prosseguiu Juvenal, subindo os degraus de acesso, com certa dificuldade, mirando de soslaio o jardim. – Nada de muito sério, coisas corriqueiras. – estacionou. – Quem o autorizou a mexer no jardim e a manter desligado o chafariz?

- *O jardim? O chafariz?* Bem, creio que foi o senhor mesmo, não? Pediu para economizar energia elétrica, lembra? E reclamou, também, que as plantas estavam feias e quebradiças. – disse o servente, desconcertado.

Juvenal focou o homem. Contou mentalmente os fatos recentes, entabulando os mais importantes. Memória firme sempre foi um dos seus predicados. É certo que ultimamente tem se confundido, especialmente com números e a conta bancária. Outro dia mesmo teve que pedir auxílio a um agente bancário para poder acertar a senha num caixa eletrônico. E somente buscou socorro quando a fila reclamava aos gritos.

*“Droga de velhice. Nunca pensei que chegaria tão longe”*.

- Algum problema com a perna? – perguntou o outro, percebendo a sua inquietação.

- *Reumatismo*. Doença de velho. – respondeu de pronto, com ar de ranheta. -Querida saber quem foi o idiota que rotulou a velhice como a melhor idade.

Jonas deu uma risada cativante, antes de falar:

- Se tivesse vivido na sua época, seria também Pracinha. Daria testa aos nazistas. Como é mesmo que se falava sobre eles... *ah*, lixo da humanidade, não era isso?

O velho o fitou carinhosamente. Jonas tocou no seu assunto preferido, a última grande guerra. O conflito onde ele e muitos outros foram heróis. Juvenal tinha paixão por falar das tropas, das armas, das batalhas. Entender a sede humana por glória e

aventura. Isso o deixava bem, até a sua postura se alterava. O torso ficava mais reto, a cabeça erguida, os olhos num horizonte mítico.

- Seria sim, Jonas. – ponderou. – Mas, ninguém é bom na guerra. Não há espaços para bons moços, meu rapaz. Que tratamento foi dado pelos aliados aos seus prisioneiros civis e militares? Mandavam-nos para hotel com piscina? Como você acha que eu e meus colegas fomos tratados pelos militares dos Estados Unidos? De igual para igual?

Juvenal pausou. Colocou pé ante pé sobre o passeio. Ele era o tipo de homem cujos modos, assim como suas palavras, faziam acreditar que ele sabia o que estava fazendo. Havia subido na vida por mérito, não por berço. Algo como o ideal norte-americano aplicado em terras tupiniquins. Acima de tudo era um brasileiro, como tantos. Gente que batalha o dia-a-dia e tenta mostrar o seu valor. A grande diferença entre ele e os demais residia no seu passado, no fato de ter sido um combatente na última guerra mundial. Passou a juventude não querendo mais do que o necessário. Pelo que se sabe ele era um estudante mediano em todas as matérias. Era esquisito socialmente, vivia muito sozinho, não tinha nenhum mentor ou padrinho com posses, quando veio a oportunidade de servir na Força Expedicionária Brasileira.

A timidez e a precipitação da adolescência foram ceifadas como um casaco desajeitado que se arranca com um puxão, e ele transformou a sua esquisitice em senso de sobrevivência e de oportunidade. O preconceito que enfrentou por ser negro e nordestino forjou o seu caráter e caiu por terra quando demonstrou sua competência ao encarar os momentos de crise. Juvenal desenvolveu entre os colegas de farda um carisma inegável, mas sempre era expressado como se ele fosse um ator e interpretasse um papel – tímido, recatado, cuidadoso e tenso.

Nas batalhas, quando ele olhava para um parceiro o fazia com o brilho de um candelabro e com tanta energia como se a pessoa pudesse sentir o calor. Ele conseguia focar com uma intensidade tanto lisonjeira quanto esmagadora, para, no momento seguinte, mudar sua atenção de foco para outra pessoa, deixando uma sensação de que uma nuvem havia coberto o Sol.

Um ex-combatente o descrevera, certa vez, durante uma solenidade no quartel da cidade de Recife, como um tipo que você deveria ter medo de encontrar num beco quando ele estivesse defendendo uma posição. Juvenal era, por assim dizer, o exemplo de dedicação e de amor ao serviço. Várias vezes, especialmente nas solenidades de fim de ano ou nas conferências nos clubes militares, se pegou devaneando a respeito do dia

em que partiu para a Itália a bordo de um encouraçado norte-americano. “O *Sol já estava baixo*” – dizia – “*quando o grande navio, cercado de uma dúzia de outros menores e de duas fragatas, entrou no porto de Nápoles. Senti um arrepio na espinha. As portas da guerra se abriam para mim*”.

- Não custa lembrar que é a versão dos vitoriosos que prevalece depois da guerra. – continuou. – Os aliados também tinham os seus campos de concentração... – continuou o ex-combatente. – E neles, como nos de Hitler, a vida não era nada boa.

O servente franziu a testa.

- Assim o senhor iguala os nazistas com os aliados, seu Juvenal...

O idoso riu sarcasticamente, dizendo:

- Você é um bom rapaz. Um pouco ingênuo, mas um bom rapaz. Acho que vai para o céu por excesso de contingente. No dia do julgamento das almas a fila para o inferno vai estar tão grande, que o capeta vai lhe mandar direto para o paraíso.

Jonas também riu.

- Não preciso ser anunciado. – falou Juvenal, enquanto abria a porta com cuidado, como se manuseasse um cofre.

Jonas concordou, enquanto Juvenal dava-lhe as costas com um último aceno. Antes de ultrapassar a porta de entrada, porém, o velho fitou o brasão da irmandade fincado na madeira.

“*A cobra que fuma*”, suspirou.

A visão da insígnia fez as lembranças aflorarem. Ao lado do símbolo havia uma placa de bronze. Nela, um pequeno texto exprimia o significado daquela associação:

‘A Irmandade da cobra que fuma. Sociedade criada dentro de uma trincheira, em dezembro de 1944, com o objetivo de manter unidos os soldados brasileiros que enfrentaram as batalhas na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Os sobreviventes deram seguimento à idéia original, expandindo-a por todo o Brasil, criando núcleos de auxílio recíproco e mantendo a união dos Pracinhas nacionais por meio de um amálgama que atravessou o século’

“*Tudo valeu a pena*”, pensou com orgulho. A irmandade era sua segunda casa. Uma família. Irmãos para toda e qualquer hora.

- Estou em casa, Jonas. – anunciou e entrou no imóvel, sem mais olhar para trás.

O servente o acompanhou atentamente até que a porta se fechou. Sem saber explicar, ele foi tomado por uma emoção. Surgiu um clima de saudade no ar. Um rastro de leveza

assomou e o vento correu assobiando uma cantilena épica, como se todos os ares rendessem homenagens à sociedade e aos seus eméritos membros.

Dentro da casa, com pegadas cansadas, Juvenal avançou pelo corredor até alcançar a sala de reuniões. Estava tudo lá. A grande mesa com os lugares devidamente identificados, o tapete vermelho cortando a sala de um lado a outro, a bandeira do Brasil posicionada por trás da mesa, o selo nacional pendurado na parede à direita e o símbolo da Força Expedicionária Brasileira. E, finalmente, postada de lado com um destaque similar ao atribuído ao pavilhão nacional, sobre um alpendre de marfim, reluzia uma majestosa cobra metálica, de cuja boca saía um cachimbo.

Manteve por alguns instantes um olhar concentrado no objeto, como num ritual metafísico. Abriu um vaso e retirou um pouco de um pó amarelado, colocando-o no cachimbo. Riscou um fósforo e uma pequena fumaça envolveu o réptil de metal, dando vida ao símbolo da Força Expedicionária Brasileira.

Em segundos, dezenas de recordações retornaram. Choros e risos. Pactos e tragédias. Momentos de fúria e de honra. A cobra fumou na guerra e Juvenal era o mesmo soldado de sempre. Fez uma continência respeitosa ao pavilhão da República para, em seguida, tirar o paletó e o ajeitar no lugar de sempre, tendo o cuidado de retirar de um dos bolsos a sua carteira de identidade de advogado e o par de óculos. Em seguida, foi até a janela, que estava aberta, e procurou o servente com olhos esguios.

- Jonas, avise quando os velhos chegarem. Vou tirar um cochilo – disse, fechando a banda da janela e as cortinas.

O rapaz fez um sinal de positivo. Depois, envolveu com carinho as mãos na vassoura e olhou para a casa preguiçosamente, enquanto as folhas eram levadas pelo vento, que avisava existir trabalho por fazer.

## Capítulo 1

Monte Castelo, Itália, últimos dias de dezembro de 1944

Debaixo da nevasca, metido num canto da trincheira e com o comunicador emperrado, o soldado Pestana bradava nos ouvidos de Juvenal, despertando-o de um breve descanso:

- Sabe por que nós estamos enfiados nesse buraco? Por causa de um tenente que pensa ser o último dos brasileiros honrados e por meia dúzia de embarcações brasileiras que resolveram afundar no oceano atlântico, em 1942.

- E o que tem isso? – perguntou Juvenal, espreguiçando-se.

- Ora, que *merda* esses navios tinham de ficar na frente dos torpedos de Hitler?

Juvenal meneou a cabeça, encobrindo o sorriso.

- Quer saber mais? – prosseguiu Pestana. – desde julho, quando chegamos a Nápoles, descobri que somos todos um bando de idiotas.

- Idiotas?

- Claro. Qual o nome que tem um besta que vem para um lugar frio como esse sem um bom casaco, uma bota que preste ou um comunicador decente? Somos uns idiotas e estamos aqui para fazer o serviço sujo para o Exército dos Estados Unidos.

Juvenal riu outra vez.

- Nós e mais vinte e mil soldados brasileiros...

De repente, Juvenal silenciou e em sua mente surgiram as palavras do general Mascarenhas de Moraes, na preleção conjunta feita há duas semanas, no Vale do Serchio:

*“Como todos os exércitos sofremos pesados revezes e obtivemos brilhantes vitórias. Desde setembro, a FEB percorreu, conquistando ao inimigo, palmo a palmo, cerca de 400 quilômetros, de Lucca a Alessandria, pelos vales dos rios Serchio, Reno e Panaro e pela planície do Pó. Libertamos meia centena de vilas e cidades e sofremos mais de mil baixas. Um dia se reconhecerá que o seu esforço foi superior às suas possibilidades materiais, e tudo por conta da noção do dever e do amor à responsabilidade dos nossos homens”.*

Juvenal fitou Pestana e o mediu antes de falar:

- Lembra-se que o próprio general Mascarenhas nos avisou sobre a falta de material?

- *O general?* – perguntou Pestana, que sacudiu a cabeça em sinal de desaprovação. – Ele não está aqui nessa trincheira, cercado de frio e de alemães por todos os lados.

- E o tenente Olivares? – indagou Juvenal, procurando mudar o rumo da conversa, enquanto apontava para o único oficial na trincheira, ferido gravemente após a explosão de uma granada.

- Geraldo falou que ele não escapa. Bem que a morte deveria ser mais camarada com ele, caso contrário irá apodrecer aqui. – fez uma pausa, silenciando, como se estivesse diante de um sepulcro.

O tenente Olivares era um homem tenaz, mas estava demasiadamente debilitado. O comentário geral era que uma morte rápida lhe seria o melhor remédio, após a explosão. Falava e se movimentava com dificuldade. Some-se a isso o fato de não poder liderar pessoalmente os seus subordinados contra os inimigos. Teve que dividir o comando com o sargento Argeu, logo ele, um oficial que se preparou para aquela guerra como poucos na Força Expedicionária do Brasil. A verdade é que, embora enfermo, o tenente ainda era a bússola do grupo. Mesmo com o corpo machucado e sangrando, a sua vontade de viver era indômita.

- Enquanto existir vida haverá esperança. Geraldo sempre exagera. – disse Juvenal, esperançoso.

Pestana sacudiu uma das mãos em sinal de desaprovação.

- Você e seus ditados, baiano. – girou o pescoço e falou baixinho, muito próximo ao amigo. – *O que esperamos para as próximas horas?* Estamos cercados pelos inimigos. Eles têm morteiros, metralhadoras e granadas, além de fuzis e rifles dez vezes mais potentes do que os nossos. Os suprimentos estão no fim. O comunicador pifou. Como sou quem mexe com essa coisa, estou sem função. E pior, nossas botas não têm aquecimento. – olhou para os pés, entediado. – Não fosse o seu xará paraibano, que nos ensinou a colocar capim nas botinas, estaríamos todos com gangrena nas pernas.

- Seja paciente na vida para não ser no hospital.

- Hospital? Isso aqui parece mais com a sala de espera de um necrotério.

O baiano tirou o boné e coçou a cabeça, pensativo.

- O sargento garantiu que vamos escapar daqui.

Pestana fez um ar pesaroso.

- O sargento é um bom piadista. Primeiro, deixou claro que os reforços chegariam. Onde estão os reforços? Depois, falou que a nevasca poderia cobrir nossa fuga. O que

aconteceu? Foi só botar a cara para fora, para recebermos uma chuva de balas e granadas. Ele mesmo saiu ferido. Agora estamos nessa encruzilhada. Morrer de frio e de fome, ou tentar escapar e servir como tiro ao alvo para os nazistas.

Juvenal pediu silêncio. Ouviu-se um barulho. Um estranho assovio ecoou como um uivo solitário, quebrando o farfalhar da neve e do vento.

- Parece um latido, baiano. – disse Pestana, passando as mãos nos lábios.

- Que tipo de cachorro late dessa forma?

Os dois e todos os demais militares silenciaram. Houve uma troca de olhares que soou como uma despedida. A nevasca bufou violenta, no mesmo instante em que uma rajada de balas ecoou, criando um contraponto aos lamentos dos animais que se aproximavam. O sargento pediu para que todos empunhassem os fuzis, enquanto segurava o revólver com a mão que não estava ferida. Juvenal e Pestana encostaram os corpos, ficando um de costas para o outro.

- Se este for o nosso túmulo, baiano – disse, em tom confidencial –, quero dizer que você fede muito.

Não houve resposta, até porque o som que vinha do lado esquerdo indicava um ataque iminente regado a homens, balas e cães.

## Capítulo 2

O sargento Argeu inclinou-se sobre Juvenal e Pestana, depositando ao lado de cada um deles um saco impermeável transbordando munição. O sargento era um homem atarracado, com cabelos pretos densos e um bigode espesso. Naquele momento parecia especialmente extasiado.

- *Preparem-se.* – comunicou com as narinas ofegando. – O ataque começou. Nossas chances de vida dependem do bom uso das nossas armas.

- Eles vão deixar a fortaleza? – perguntou Juvenal encolhendo os ombros.

- Não creio – respondeu Argeu, apoiando-se em um saco de terra. – A posição deles é excepcional. Estão num plano superior ao nosso e controlam todos os movimentos. – o sargento olhou de lado e viu uma expressão de medo em Juvenal. – Mas, os nazistas não são invencíveis. – concluiu.

- Se estão até agora na fortaleza e se nós não conseguimos tirar seus homens de lá, é porque são – falou Pestana, distraidamente, enquanto colocava balas nas suas armas.

O olhar de desprezo que o sargento fez, foi mais fino do que a lâmina de uma adaga mameluca. Pestana percebeu, mas sentia prazer em fustigar o seu superior. Desde que partiram do Rio de Janeiro até o desembarque em Nápoles, existiu uma constante troca de ofensas entre o sargento e o soldado responsável pelas comunicações daquele destacamento. Pestana era do tipo duro de esquecer qualquer coisa desagradável, e muitas delas ocorreram entre ele e Argeu.

- Vamos suportar mais essa pressão dos nazistas, tenha certeza – disse Argeu, em tom profético.

- Já é a segunda vez que buscamos tomar Monte Castelo e somente acumulamos fracassos, sargento. O máximo que conseguimos foi tomar esta trincheira feita pelos italianos – redarguiu Pestana, com voz piedosa. – E o pior de tudo é que estamos isolados do resto das tropas. Presos aqui e sob fogo cruzado, além de estarmos em menor número e com vários feridos.

O sargento respondeu sem olhar para ele:

- Os reforços não demoram a chegar, aguarde.

- Estamos sem comunicação, sargento – rebateu o outro com rispidez. – Acorda. Isso aqui vai ser a nossa tumba. – Pestana fez uma pausa. Olhou para Argeu e viu que ele mexia nervosamente os bigodes.

“*Peguei pesado*”, pensou.

- Tenho um trunfo. Na hora da *porrada*, saberei usá-lo – disse o sargento, com um ar de mistério.

Ao lado deles, Juvenal, subiu até a beira da trincheira, esgueirando-se por uma abertura no gelo, entre os sacos de terra cobertos pela neve. Olhou para os lados e viu que o perigo se aproximava.

- Ouçam – falou, erguendo uma das mãos em sinal de silêncio, escorregando até os companheiros. – Há animais vindo por esse flanco.

Os outros dois estavam para dizer algo, quando um pipocar de balas explodiu bem ao lado deles.

- *Fogo, homens* – ordenou o sargento.

Uma saraivada de tiros estourou. Os brasileiros responderam ao tiroteio com tudo o que tinham em mãos. Granadas e bombas. Fuzis e revólveres. O confronto foi duro e a resposta surpreendeu os algozes, que soltaram os cães contra a trincheira, protegidos por um fogo constante dos metralheiros postados nas quinas da fortaleza.

O sargento apontou com um dedo, avisando sobre a aproximação de um grupo de italianos. A seguir, disparou até esvaziar a pistola, respondendo aos tiros dos inimigos. A arma foi rapidamente recarregada e o militar a mirou na cabeça de um dos adversários, errando o alvo por milímetros. Outro disparo dos fascistas. O tiro explodiu em um saco de areia causando uma chuva de ciscos e neve sobre Argeu.

- *Sargento, você está bem?* – alguém gritou.

Em resposta, um segundo tiro zuniu e então um terceiro. Um Pracinha que estava poucos passos à direita de Juvenal grunhiu e caiu sentado com uma bala em seu braço, no exato instante que outro saco explodia e jogava terra fria sobre os brasileiros. Rastejando, dois soldados, Elcio e Aquiles, se aproximaram de onde estavam.

- Viemos ajudar – anunciou Aquiles, conhecido por Tiro Certo.

Élcio, um rapaz sardento e franzino, tremia a arma nas mãos, tamanho era seu medo, parecia que segurava ferro em brasas, motivando o sargento a segurá-lo pela casaca e lhe dar um safanão.

- Se veio ajudar, que ajude. Mas, segura essa porcaria direito, senão vai acabar matando um de nós aqui dentro.

A neve e o frio não davam tréguas, fazendo o tiroteio ficar ainda mais tenebroso. Os italianos atiravam em bloco, tentando ultrapassar os limites da trincheira, agora transformada em uma fortaleza tão inexpugnável quanto a de Monte Castelo.

Tomando fôlego, a tropa de pracinhas defendia a posição com destemor. As metralhadoras nazistas já tinham feito mais duas vítimas e os cães, aproximando-se pelas laterais, começavam a mostrar os seus cruéis olhos marrons, que brilhavam na noite como se fossem lanternas carregadas pela própria morte em busca de vítimas.

Argeu, ao perceber as baixas, soltou um palavrão. Ele rolou até uma saliência até que seus braços estivessem inteiramente esticados. Ao seu lado, Tiro certo fez mira e derrubou quatro dos animais que, gemendo, rolaram na neve, deixando um sulco de sangue sobre ela. Seis outros pularam sobre os corpos e já distavam pouco mais de vinte metros de onde o grupo do sargento estava.

- Élcio – falou Argeu, sem tirar os olhos dos cães que se aproximavam –, dê-me a mochila.

Não houve resposta. O sargento olhou para onde antes estava Élcio e viu a mochila jogada ao lado de um saco de terra.

- Onde o sardento se meteu?

Pestana foi o primeiro a perceber:

- Fugiu, sargento. – avisou, limpando os olhos.

Todos se voltaram para trás bem a tempo de ver Élcio escorregar para fora da trincheira. Usava um par de pranchas nos pés e um bastão improvisado como esqui. Deslizou na neve por uma dezena de metros, em direção das primeiras árvores do bosque, esquivando-se dos rochedos e das balas dos nazistas com certa desenvoltura, o que lhe deu a esperança de sucesso na tentativa de escapar.

O que durou pouco, porque um dos inimigos, armado com uma metralhadora, postado no canto esquerdo da fortaleza de Monte Castelo, viu sua fuga e sorriu.

Antes de apertar o gatilho, o nazista percebeu que o brasileiro, na sua desembestada tentativa de fugir, atraiu para si parte dos animais enfurecidos.

*“Pelo inferno, esse maldito soldado não me escapa”*, pensou o alemão.

Era o ponto final para a corrida de Élcio.

## Capítulo 3

Um turbilhão de balas voou na direção de Élcio. Tiro Certo gritou ao ver o companheiro cair e disparou raivosamente sua arma sem sequer fazer mira. Quase pulou para fora da trincheira, não fosse pelo sargento, que o segurou pelas pernas, com a força de um touro, até quase rasgar o tecido. Atingido em uma das pernas, Élcio teve forças para se levantar e correr de volta para a trincheira. A sua sorte estava selada. Os cães sentiram o cheiro de sangue e, com um uivo devastador, correram até ele cortando sua última rota de retorno.

O desespero assomou e Élcio correu em uma perna só, como se fosse um saci, sendo coberto por seus colegas que atiravam contra os animais, que fizeram um ziguezague para fugir das balas. Apesar do barulho do tiroteio, dos latidos dos cães e do vento sibilante, os Pracinhas puderam ouvir a gargalhada do homem da metralhadora nazista, que cortou a noite, dando cores ainda mais fúnebres ao evento.

- *Lá vem chumbo, gente* – disse Juvenal, escondendo parcialmente a cabeça.

- *Abaixem-se* – ordenou o sargento, protegendo o corpo atrás de um saco de terra.

A metralhadora soou uma música lúgubre para o soldado Élcio. Outras balas o atingiram, dessa vez no ombro esquerdo e nos dois braços, que explodiram em diferentes locais, jorrando sangue e fragmentos de ossos. Ele desabou e caiu com a cara na neve, ficando estatelado, sendo logo cercado por alguns dos furiosos animais. Aquiles deu um berro pedindo ajuda para Élcio e todos atenderam sua súplica, disparando contra os nazistas e contra os cães.

O grosso das tropas do Eixo parecia se divertir com a cena, tendo se concentrado no flanco em que se desenvolveu a frustrada tentativa de fuga do pracinha. O homem da metralhadora fez mira outra vez e disparou contra a trincheira, atingindo de raspão uns seis homens da FEB.

- *Estamos perdidos, sargento* – disse Pestana, com os olhos sujos de sangue, um dos tiros da metralhadora tinha repicado numa pedra e raspado a sua fronte. – É hora de fugirmos ou de nos entregarmos.

Argeu não respondeu. Puxou a mochila para junto de si e de dentro dela tirou algumas bananas de dinamite.

- Não é hora de fugir ou de se render, Pestana. Agora é a hora da *porrada*. – comunicou, mostrando todos os dentes.

Era o seu trunfo. E ele estava disposto a aproveitá-lo ao máximo. Mandar para o inferno uma dezena de inimigos era como um orgasmo para ele. “*Tudo tem seu tempo*”, pensou. Tempo de esperar a oportunidade, de agir com rapidez e de massacrar o adversário. Agora era o momento decisivo.

Mas para Élcio talvez fosse tarde demais.

## Capítulo 4

O sargento acendeu três dinamites e, afastando Juvenal e Pestana, jogou uma delas para cima e deu um pontapé no artefato, que voou na direção da fortaleza, explodindo no ar, a uma dezena de metros de onde estavam os cães e o aparentemente morto Élcio. Depois, Argeu deu mais dois chutes. Um foi tão violento que arremessou uma das dinamites para bem perto da fortaleza, estourando próximo de uma das quinas. A outra banana caiu sobre a neve e não explodiu. Ele riu. Dinamites e granadas eram a sua especialidade, para isso estava treinado. No Rio de Janeiro, seu regimento passou pelo melhor treinamento possível com esses explosivos, e em Nápoles, já no decorrer da guerra, recebeu oportunas lições do esquadrão norte-americano especializado no assunto.

Aquiles, acompanhando a cena, pegou o fuzil e, aproveitando o momento de surpresa provocado com as explosões, disparou duas vezes contra o metralheiro que atingira Élcio. A primeira das balas acertou um tijolo, assustando o alemão. A outra, como um petardo, arrancou-lhe parte da cabeça, fazendo-o voar para trás.

*“Vá para o inferno”*, disse Tiro Certo, soprando a boca do fuzil.

- *Enlouqueceu, sargento?* – gritou Pestana, estupefato. – Já pensou se uma dinamite dessas explode aqui dentro?

Com os olhos fora de órbita, como se tivesse acabado de beber um barril inteiro de cachaça, Argeu pegou Pestana pela gola e esfregou uma das bananas no seu rosto.

- *Está com medo? Está com medo?* – berrou. – Aqui não é lugar para mocinhas, aqui é lugar para machos. Já fiz aquilo mais de mil vezes. E farei tantas quantas forem necessárias para tirar você e todos os demais de dentro deste buraco.

Pestana olhou para Juvenal, e fez um comentário maquiado pela desfaçatez:

- Será que os nazistas pensam da mesma forma? Talvez queiram nos tirar daqui. – fez uma meticulosa pausa, para depois concluir num tom de voz bem baixo. – Mortos, certamente.

Sem se importar com a frase cínica do subordinado, e, ainda no mesmo tom, o sargento gritou com todos os demais:

- *Vamos descer o cacete nesse bando de sacanas nazistas...agora!*

Pegou outras duas dinamites e pulou para fora da trincheira, ensandecido, como se estivesse possuído por mil demônios. As artérias e veias do seu pescoço incharam e pareciam cordões escorrendo da cabeça. Com os olhos vermelhos e uma cara pouco

amistosa acendeu e arremessou a primeira delas contra um grupo de italianos que descia por um dos lados da fortaleza, matando alguns e fazendo a outra parte retroceder, cessando o fluxo de inimigos por aquele lado.

Com o outro explosivo ele fez da mesma maneira que antes, mas sem acendê-lo. Olhou para Tiro Certo, como se já tivessem combinado, e deu uma bicuda no artefato. Aquiles fez mira e esperou o momento certo para disparar, atingindo a dinamite quando esta passou por cima do grupo de adversários. O estouro foi sensacional e baixou a moral das tropas inimigas, que resolveram retornar para o abrigo seguro da fortaleza.

O ataque cessou e um alívio tomou conta dos brasileiros. Enquanto uma parte dos pracinhas cuidava em manter viva a defesa e o atendimento aos feridos, alguns deles, seguindo Aquiles, Juvenal e Pestana, foram até onde estava Élcio. Nada havia a fazer. O soldado sardento tinha os olhos abertos e uma expressão de dor congelada.

As marcas das mandíbulas dos animais eram visíveis. Todo o rosto e parte do corpo do brasileiro tinham sido dilacerados pelos cães. Aquiles se ajoelhou e, chorando, fechou os olhos do companheiro. Juvenal e Pestana ficaram em silêncio. O sargento se aproximou e, vendo que não havia mais nada a fazer pelo homem, ordenou a retirada.

- Não seria o momento de deixarmos a trincheira, sargento? – argumentou Pestana, observado por um Juvenal transtornado. – Parece que os nazistas recuaram.

- Ainda não, soldado. – respondeu o seu superior, quase soletrando as palavras, demonstrando respeito ao colega morto. – Pode ser uma armadilha. Olhe para a floresta. Com essa tempestade dificilmente teríamos sorte. Ou os cães nos perseguiriam em um terreno fácil para emboscadas, ou seríamos alvos ambulantes para as armas dos alemães. Quero sair daqui soldado. Será que você não percebeu que os nazistas receberam reforços? Vamos voltar para a trincheira. Resistiremos até que os nossos também cheguem. E isso vai acontecer, tenho plena certeza do que digo.

Fez uma pausa para esfregar o rosto com um pedaço de pano esfumaçado que guardava em um dos bolsos. Estava farto das perguntas e da impertinência daquele soldado. Sua vontade era pegá-lo pela gola e enchê-lo de sopapos.

- E tem mais duas coisas, Pestana. A primeira é que o comunicador não está inteiramente quebrado. Funciona e pára. Deve ser algo na bateria ou talvez exista um fio solto ou algo parecido.

- E posso saber qual é a segunda coisa?

- Você não é o único que sabe mexer com o aparelho. – comunicou o sargento com visível satisfação na voz. – Já tenho alguém para isso. Considere-se afastado de sua função.

Dizendo isso, o sargento deu as costas e correu para a trincheira, sendo copiado pelos outros, que o seguiram olhando para a fortaleza, enquanto Juvenal, Pestana e Aquiles ficaram mais um pouco.

O baiano, ainda emocionado, olhou para Aquiles e percebeu que ele queria ficar sozinho. Pegou Pestana por uma das mãos e lhe deu um puxão. O soldado parecia ter criado raízes após a conversa com o sargento. Estava rígido, mas cedeu ao sacolejo. Sacudiu-se e caminhou com Juvenal em direção à trincheira, olhando por duas vezes para trás, antes de ser tragado junto com o parceiro pela escuridão.

Enquanto isso, com lágrimas rolando devagar pela face, Tiro Certo recordou os bons momentos que vivera com o sardento. Dividiram o mesmo beliche no navio que os trouxe até Nápoles. Foram parceiros no jogo de cartas. Chegaram juntos ao vilarejo. Aquiles o ensinou a atirar. *“Segure com ambas as mãos a pistola, e dê uma margem de desvio antes de disparar”*, dizia todos os dias a Élcio. *“Que droga”*. Olhou para o peito do amigo e viu um crucifixo.

Instintivamente ergueu os olhos e viu um outro, parecido e bem maior, feito de metal fundido, pendurado na parte alta de Monte Castelo, ao lado de uma bandeira italiana, nas proximidades do local onde antes estava o alemão com a metralhadora.

*“Duas cruces. Quem pediu a Deus primeiro a melhor sorte? Você, sardento, para escapar; ou ele, para lhe fuzilar? Em que merda nos metemos?”*, pensou.

Socou o vento e amaldiçoou aquele lugar e aquela situação. Sua face corou. Inspirou com força o ar gelado daquela noite e tomou uma decisão, cobrindo com neve o corpo de Élcio. Fez uma breve prece, usando as palavras que lhe bateram no coração e na mente, ajoelhando-se sobre o terreno forrado com sangue em respeito ao colega morto.

Ficou quieto por alguns instantes, e tudo ao seu redor pareceu congelar. Chorou sem emitir som algum e sentiu que o mundo tinha parado de girar. Dentro de si, havia um misto de solenidade e medo, reverência e temor. Naquele instante, Aquiles não era um soldado ou um amigo. Era um brasileiro cheio de medos e quase sem esperanças. Soluçou. A neve soprou com força e anunciou que a temperatura iria baixar ainda mais.

Depois, com a consciência do dever cumprido pela homenagem prestada ao companheiro, se levantou e seguiu o rastro de Argeu e dos demais, sem olhar para trás.

## Capítulo 5

Um vozerio entoando algo parecido com uma canção recebeu Pestana e Juvenal. Os dois nem bem tinham acabado de entrar na trincheira, quando se deram conta de que boa parte dos seus colegas estava centrada ao lado do tenente Olivares. E o grupo entoava uma letra muito conhecida de cada um deles.

- Quê? – disse Pestana, abrindo os braços.

- Calado. – respondeu o baiano, encostando o dedo na boca do parceiro.

Ouvia-se a plenos pulmões o hino brasileiro. Todos cantavam, sem receio e com orgulho, eivados com o destemor intrépido que a letra do hino emblema. Tal audácia era uma forma de mostrar ao inimigo que os soldados brasileiros estavam firmes. Que o Brasil resistiria ao nazismo. Que a liberdade não seria suplantada pelo medo. O oficial da companhia estava com os olhos bastante abertos e encharcados por lágrimas que logo rolaram face afora. Seus homens estavam ali. Unidos. Sólidos. Decididos. Mais uma vez enfrentaram a dura prova do campo de guerra e obtiveram êxito. Nada melhor para homenagear os seus mortos em combate e desafiar o algoz para novas partidas bélicas.

“Se o penhor dessa igualdade,  
consequimos conquistar com braço forte,  
em teu seio, ó Liberdade,  
desafia o nosso peito à própria morte!”

A emoção contagiou Juvenal e, sem que ele percebesse, absolutamente automático, logo estava dominado pela canção, repetindo os versos líricos do símbolo nacional, cantado com vontade indômita por aqueles membros da Força Expedicionária Brasileira, em uma noite fria, cercados pelo cheiro de pólvora e de morte.

“Fulguras ó Brasil, florão da América,  
iluminado ao sol do Novo Mundo!  
do que a terra mais garrida,  
teus risonhos, lindos campos têm mais flores.  
Nossos bosques têm mais vida,  
nossa vida em teu seio, mais amores.  
ó Pátria amada, idolatrada, salve, salve!”

Olhos elevados para o alto. Poses de obediência militar. Os soldados tupiniquins eram um só todo naquele instante. Altivos, corajosos e firmes no propósito de vencer o inimigo. A canção era para os valentes. A letra os transformava em guerreiros.

“Verás que um filho teu não foge à luta,  
nem teme quem te adora a própria morte”

Nem a morte e nada semelhante temiam aqueles homens, dizia o hino. Entretanto, algo iria por à prova a bravura dos brasileiros. Do nada, surgiu um gemido amplificado mil vezes pelo sistema de som implantado nas muralhas pelos alemães, que não apenas atrapalhou o seguimento da cantoria do grupo de soldados, mas, principalmente, gelou suas almas, fazendo cessar o seu entusiasmo. O aviso sobre a origem do urro veio do flanco direito e foi dado com desespero por uma sentinela:

- *Dois dos nossos estão pendurados pelos braços nas muralhas!*

## Capítulo 6

Surgiu, então, uma segunda voz. Partiu da parte central de Monte Castelo. Veio amplificada e engasgada. Era de um italiano que gritava para os entrincheirados as ordens que recebia de um oficial alemão.

- *Soldati provenienti dal Brasile, si dispone di una quarto d'ora a desistere. Entreguem loro armi o dei loro compagni di morire.*

Houve um murmúrio entre os brasileiros.

- Que diabo ele disse? – alguém perguntou.

Uma luz de holofote clareou os dois prisioneiros para desespero dos expedicionários que de pronto reconheceram os desafortunados.

- *Leandro e Marcelo, os gêmeos potiguaros.* – bradou a sentinela, engolindo em seco a revolta.

- *Não dispare sua arma, sentinela Nelson.* – ordenou o sargento. – Não dispare.

O soldado Nelson encarou o sargento com o rosto tomado por uma vermelhidão assombrosa.

- Não vou permitir que meu compadre seja assassinado, sargento. – falou Nelson, rebatendo o superior.

Argeu estava para dizer algo, quando o eco da voz do italiano tornou a soar:

- *I suoi uomini sono esauriti e disperati. Raccogliamo la fuga, quando resi codardi. Diamo la possibilità di recuperare i due con la vita. Per entrambi, la consegna.*

- Por Deus, alguém pode traduzir o que o canalha está rosnando? – insistiu um soldado que mexia nervosamente no capacete.

- Ele nos deu um quarto de hora para nos rendermos. Devolvem os dois vivos se assim procedermos. – explicou o sargento, na parte do que entendia da língua italiana, tentando resumir o que todos ouviram. – E disse, também, que Leandro e Marcelo foram presos no momento em que fugiam, como covardes.

- *Eles não são covardes.* – gritou Nelson, com o dedo no gatilho.

- Fugiram do mesmo modo que o Elcio. – alguém falou.

- Elcio morreu, respeitem o morto. – disse outro.

- Abandonaram o barco, ou melhor, a trincheira. São frouxos e não merecem nosso respeito. – esbravejou um soldado baixinho, saltando por trás do sargento.

- São brasileiros. – explicou Juvenal, olhando de lado para o colega.

- São frouxos, repito.

- O que faremos?

- O tenente decidirá.

O soldado baixinho não se conteve:

- Vamos abandonar os dois à própria sorte. Fugiram. Abandonaram o grupo. Não merecem nenhum sacrifício da nossa parte.

- *Cala essa boca, tampa de rolha.* – gritou Nelson, fazendo crer que deixaria a sua posição para bater no colega.

- Cala você, Nelson. – rebateu o outro. – Seu compadre mete a gente nessa enrascada e você ainda defende o covarde?

Nelson deu um salto surpreendente e se materializou diante do baixinho com uma expressão tão horrenda e endiabrada que o próprio demônio se assustaria caso o encarasse. Voltou sua arma para a barriga do companheiro e ajeitou o dedo, pronto para disparar. No último instante, quando tudo conduzia para a consumação do fratricídio, eis que Argeu interveio, resolvendo a questão ao seu modo. Deu um safanão no baixinho, jogando-o para um canto, ao mesmo tempo em que tomava o rifle de Nelson com um puxão, enquanto lhe dava um tapa na fronte.

- *Dupla de idiotas.* – ralhou. – Nós aqui com um problema desse tamanho para resolver e vocês dois a discutir feito vadias. Quem diabos acham que são? Duas mariposas? Duas dondocas?

Ninguém ousou desafiar o sargento.

- Falem algo, panacas.

Os soldados fitaram o superior com os olhos alquebrados pela surpresa do ato. Mas uma vez o sargento surpreendia seus comandados com a energia que lhe era peculiar. Não tinham o que falar. De repente, os seus parafusos tinham voltado para o lugar. A ira incontida de segundos atrás foi esquecida, soterrada pela vibração das palavras de Argeu, sempre disposto a solucionar as pendengas dos soldados da única maneira que aprendeu nos quartéis.

- *É pancada que desejam?*

- Não, senhor. – respondeu Nelson.

- Sim, senhor, quer dizer, não senhor. – copiou o baixinho.

Argeu ajeitou o próprio cinto. Olhou nos olhos dos dois homens e girou sobre os calcanhares. Apontou para a arma caída ao lado e Nelson, sem nem mesmo esperar a ordem, agachou-se e a pegou com um cuidado renovado.

- Retorne para a sua posição, sentinela.

- Sim, senhor.

O soldado baixinho escondeu o rosto por trás do quepe e se deixou escorregar por entre os parceiros, desaparecendo em silêncio. Argeu nem o notou, em vez disso, como se todos já esperassem, após trocar um olhar receptivo com o tenente, se dirigiu ao grupo restabelecendo em definitivo a ordem no local.

- Temos um quarto de hora para recuperar os nossos homens.

Foi apenas o que disse. Não precisava dizer mais nada para modificar o clima entre os seus soldados. O que falou era a quantidade certa de ânimo. A medida exata de intrepidez. O suficiente para incutir coragem naqueles pracinhas, ainda abalados pela imagem dos colegas dependurados nas pedras frias, nevadas e escuras da muralha até então inexpugnável de Monte Castelo.

## Capítulo 7

Argeu sabia que inexistia um plano coordenado de ação para soltar Leandro e Marcelo. Tudo teria que ser improvisado. A empreitada envolvia riscos e ele sabia disso. A única coisa certa é que deveria confiar em seus homens. Era sua obrigação manter os seus comandados unidos e confiantes. Foi essa a promessa que fez ao tenente Olivares. E iria cumprir. Estava decidido.

Depois de distribuir algumas ordens para os soldados, sentou ao lado do tenente e cochichou algo em seus ouvidos. Pestana, recostado em um saco de terra, não tirava os olhos do local onde estavam o sargento e o tenente. Acompanhava os dois. Imaginava o que conversavam. Sentia um misto de inveja e de solidão. Queria participar. Discutindo, opinando, fornecendo idéias. Contribuir de alguma forma. Afinal, Leandro e Marcelo eram seus parceiros. Vestiam a mesma farda. Lutavam pelos mesmos ideais. Estavam presos. Vivos, porém, presos. Entregues a um destino a ser definido pelos inimigos. Juvenal se aproximou e vendo a sua concentração, resolveu distrair o colega:

- Se continuar olhando para o sargento desse jeito, logo vai perder os olhos.

Pestana deu um muxoxo como resposta.

- Não pense que não sei o que há na sua cabeça.

- Sabe mesmo o que tem? – perguntou o soldado desafiando-o, sem tirar os olhos dos dois superiores.

- Além dos seus piolhos que esta hora estão duros pelo gelo? Sei que passa uma raiva enorme contra o sargento. Você não engoliu o que ele disse lá fora. Estou ou não certo?

Pestana respirou profundamente. O sopro de ar gelou perto de sua boca e ele tossiu devagar. O pigarro não passou despercebido por Argeu que, de onde estava, balançou secamente a cabeça, dando a entender que sabia estar sendo observado.

- O que eu não daria por um trago.

- Você não parece ser habituado a pileques, Pestana.

- Você não sabe nada sobre mim, Juvenal. Nada.

Juvenal rodou em redor do colega e parou diante dele. Colou a mão direita no tórax do soldado, antes de despejar na cara do outro tudo o que pensava a seu respeito:

- Você é um tolo, Pestana. Um grande otário. Fica acreditando que é simples resolver importantes questões de comando. Fala demais. Atrapalha as ordens. Finge ser o bacana, o legal, aquele que está sempre por cima. Na verdade, você não passa de um merda, entendeu?

- E você, baiano, o que é? – riu Pestana, com desdém.

Juvenal entendeu o recado.

- Sou um soldado. Apenas isso, homem. Obedeço ordens. Cumpro meus deveres. Não discuto com os meus superiores como você faz todo o tempo. Não crio atritos e não promovo desavenças. O que mais tenho de fazer?

Pestana fez o ar mais sarcástico do planeta, antes de responder, ainda sorrindo:

- Que tal parar de pegar em meus peitos? Estou ficando excitado.

Juvenal não ligou. Afastou-se cerca de um metro do outro. Fungou, sacudiu a cabeça em sinal de reprovação e cruzou os braços, permanecendo parado. Pestana fez o mesmo.

- Você é um cara engraçado, baiano.

Juvenal continuou imóvel.

- É um sujeito legal, isso eu reconheço. Mas, cara, você tem umas idéias bestas como nunca vi na minha vida. Isso de dizer que é um soldado cumpridor de ordens é patético.

Os olhos de Juvenal cruzaram com os dele.

- Que foi? Perdeu a língua?

- Você é que é patético.

O soldado repetiu em tom de pirraça:

- É um sujeito legal, mas é um patético cumpridor de ordens.

- Vá se ferrar.

- Isso é uma ordem?

Os dois riram juntos.

## Capítulo 8

Nunca um quarto de hora pareceu demorar tanto.

- Parece que estamos esperando faz um século, Raimundo. – comentou um soldado de nome Afonso, enquanto colocava balas no seu rifle, observado por Juvenal e Pestana.

- Na guerra é assim mesmo. Quanto mais você pede para o tempo passar é pior, porque você não sabe o que pode acontecer no minuto seguinte.

- O que se pode esperar?

- Talvez algo ainda mais grave.

Afonso apontou para Raimundo e este, entendendo, passou um pano sujo e recortado na ponta da arma.

- É para desentupir o cano. – disse para Juvenal, com um sorriso que exibiu uma dentição irregular. Afonso, segundo os seus parceiros, era um sujeito estranho. Gostava de escalar paredes e os seus caninos eram enormemente desproporcionais aos demais dentes, o que justificava o seu apelido.

- *Vampiro*. – falou Raimundo para Afonso. – Pior que ficar pendurado é saber que não existe como escapar.

- Sempre existe uma saída. – profetizou Juvenal, metendo-se na conversa.

- Falou o sábio.

- É sério. – prosseguiu o baiano. – Não se deve nunca jogar a toalha.

Raimundo e Afonso riram.

- Isso se ainda existir toalha.

- Até o sabão já acabou.

- Você está delirando.

Pestana coçou a cabeça e falou:

- Está vendo, Juvenal? Não basta ser otimista. No meio do nada, como estamos agora, é cada um por si e Deus por todos.

Raimundo estalou os dedos.

- De que estão falando?

- Pestana não sabe o que fala, gente. – explicou Juvenal.

- É isso que você quer acreditar. – rebateu o soldado. – Mas, no fundo sabe que tenho razão. Não existe mais o que fazer por Leandro e Marcelo. Aliás, não há mais nada a fazer neste lugar. Tirar aquela turma de nazistas lá de cima daquela fortaleza é impossível.

- A posição deles é provisória.

- É?

- Sem dúvida. Um ataque aéreo resolveria a questão a nosso favor. – disse Juvenal, simplificando seu pensamento.

Raimundo intrometeu-se:

- Como estratégia é uma beleza, mas na prática isso demora muito para acontecer.

Afonso, sem avisar, levantou a arma e a apontou para o céu, passando-a bem perto dos rostos dos seus colegas.

- Cuidado, Vampiro.

- Fique calmo, Raimundo, ainda não virei o cabo pra sua bunda. – riu.

- Se fizer isso de novo, juro que lhe parto a cara. Aí sim é que vai fazer jus ao apelido.

- Aqui só tem doido. – retrucou Afonso.

- Doidos e cumpridores de ordens. – ironizou Pestana, olhando para os lados.

Juvenal percebeu algo estranho.

- O que houve?

Pestana girou o pescoço.

- O sargento. Para onde ele foi?

## Capítulo 9

Havia um estranho silêncio no ar. Argeu se esgueirava entre os sacos e fazia sinal de positivo para alguns soldados que vinham logo atrás dele. A neve endurecia a cada minuto e as pontas de gelo que formava incomodavam os homens. O frio e o vento tornavam ainda mais dura a tarefa que pretendiam executar. Era uma missão quase impossível. Algo que bem poucos haviam tentado fazer.

- Chegou a hora de salvar os nossos rapazes. – disse, sussurrando, o sargento.

Nelson, que havia se apresentado como voluntário para a tarefa, não titubeou:

- Quero ir na frente.

Argeu o mirou, e o segurou por um braço.

- Admiro sua coragem, mas não confio em seus nervos, Nelson.

- Está com dúvida quanto à minha capacidade, senhor?

- De modo algum. – ponderou o sargento. – Mas, você está sob emoção. Não há nada pior para um soldado do que atuar dessa forma.

- Todos aqui estão emocionados. – rebateu o soldado, no mesmo ato.

- Mas nem todos têm compadres pendurados por nazistas. E não tome isso como um privilégio.

Nelson abaixou a cabeça sem dizer mais nada e recuou um metro.

- Tiro Certo. – disse Argeu.

- Sim, senhor.

- Aqueles três italianos postados à esquerda são seus.

- Não vou errar uma bala, senhor. Acredite.

- Estou certo disso.

Argeu observou os ponteiros de um relógio e fechou os olhos por um instante. Chegara a hora de cumprir o que foi decidido pelo tenente Olivares. Salvar os dois brasileiros, ou pelo menos tentar salvá-los. Outra missão, outra tarefa militar. Quantas outras teria que enfrentar até retornar ao Brasil?

- Algum problema, senhor?

- Não, está tudo bem, Tiro Certo.

- Estava orando, sargento? – perguntou com uma voz pouco audível o soldado baixinho, convocado pelo sargento para a missão mais por ter ele discutido com Nelson, do que pela sua capacidade de tiro.

- Até para isso é bom orar. – interveio Tiro Certo.

- Pode ser. Mas o melhor mesmo é não errar as balas.

O sargento estava para dizer algo aos dois, quando percebeu um movimento na parte de cima da fortaleza. Os holofotes, de repente, tiveram o foco de luz desviado para uma enorme bandeira suástica e uma voz ecoou:

- *Si è concluso il tempo.*

Argeu levantou e correu, sendo copiado pelos soldados. Ele sabia o que estava para acontecer. “*Acabou o tempo*”, repetiu em sua mente. Pouco restava a fazer. Os inimigos estavam para cumprir a ameaça. Findo o quarto de hora, peremptoriamente os dependurados seriam executados. O sargento, saltando sobre as pedras e sobre os bolos de neve e de gelo, foi o primeiro a apontar o seu fuzil. Tiro Certo, muito mais veloz, sacou a arma, apontou e disparou. Nelson, em desobediência direta, distanciou-se dos demais e liderou a corrida, tendo ao lado o soldado baixinho, agora seu parceiro de combate.

Uma, duas, três salvas de balas. Alguns gritos abafados pelo vento. Um urro rompante e um pipocar de granadas. Nelson caiu próximo a uma pedra muito parecida com um enorme chuchu e o seu sangue tingiu de vermelho o rochedo. Ele não morreu imediatamente. Escorregou para um lado e se apoiou em um par de mãos inesperado.

- Venha, vamos sair daqui. – disse o baixinho, enquanto o apoiava nos ombros com dificuldade.

Um filete de sangue escorreu de um dos lados da boca de Nelson.

- *Você ...é ...corajoso...*

- Cala a boca...temos que sair daqui.

Os tiros soaram outra vez. Novas explosões. Um deslocamento de ar provocado por granadas arremessou os dois de encontro às pedras. O baixinho sacudiu a cabeça para retirar a neve e a sujeira dos seus olhos. Procurou pelo colega em meio à fumaça que se seguiu.

- Nelson...Nelson...

Tiro Certo se aproximou e deu um puxão no parceiro.

- Se ficar aí vai morrer logo, baixinho.

- Cadê o Nelson?

Tiro Certo apontou para baixo.

- Meu Deus...

Nelson estava morto. Os olhos ainda abertos. A coluna partida ao meio e o sangue limpando a neve da pedra que o matou. Os dois homens se emocionaram. No entanto, o

soldado baixinho não teve sequer tempo de fechar-lhe as pálpebras ou de fazer qualquer comentário, porque uma saraivada de tiros o atingiu de lado, abrindo suas vísceras, expondo o seu intestino e fígado. Tiro Certo respondeu ao fogo, repelindo o ataque e matando, com apenas uma rajada, quatro agressores. O sargento se aproximou e viu os seus homens mortos. Tiro Certo sacudia a cabeça, como se pedisse perdão. Seus olhos estavam fora de foco e ele parecia prestes a fazer alguma besteira.

Argeu o abraçou rapidamente e correram juntos, recuando.

- Venha, não há mais nada a fazer aqui.

- Leandro e Marcelo... senhor, Leandro e Marcelo... Nelson...

O sargento não respondeu. Correu abraçado ao parceiro de expedição. Os dois saltaram pedras, quase escorregando em uma delas. Dispararam suas armas algumas vezes e em alguns minutos alcançaram a trincheira. Bem a tempo de ouvir mais um urro, o último, e em unísono.

Leandro e Marcelo foram degolados. Seus corpos deslizaram muralha abaixo até as pedras. Após isso, concluída a ameaça, ao lado do oficial alemão, chefe da resistência de Monte Castelo, o italiano gritou bem alto do megafone:

- *Alla fine.*